

## PERFIS DE SUPERVISÃO E EXPERIÊNCIA PARENTAL: A SUPERVISÃO EM ADULTOS COM FILHOS E SEM FILHOS

Conceição de Andrade<sup>1,2</sup>, Ana Isabel Carita<sup>1,3</sup>, Rita Cordovil<sup>1,4</sup>, João Barreiros<sup>1,4</sup>

<sup>1</sup> Centro Interdisciplinar para o Estudo da Performance Humana, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa.

<sup>2</sup> DIAIBE, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, SCML.

<sup>3</sup> Secção Autónoma de Métodos Matemáticos, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa.

<sup>4</sup> Departamento de Desporto e Saúde, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa.

### Resumo

Os perfis de supervisão são o resultado da decisão do cuidador relativamente aos comportamentos de risco em crianças. Estes perfis são influenciados por diversos factores, pelo que a sua interação com outras variáveis deve ser tida em consideração. Este estudo visa verificar o efeito de interação entre ter ou não filhos e o género nos perfis de supervisão parental, já que se admite que a experiência parental possa desempenhar um papel importante no comportamento de supervisão. Foi aplicada a versão Portuguesa do PSAPQ (Andrade, et al., 2013) a 215 participantes, com formação universitária, para avaliar os perfis de supervisão. Os resultados indicam que não existe efeito significativo para a interação entre ter ou não filhos e o género nos perfis de supervisão parental. Apenas se revelou como estatisticamente significativo o efeito de ter ou não filhos, sendo que os pais são mais protetores e supervisores do que os adultos sem filhos que são mais tolerantes.

### Palavras-chave

Supervisão parental; versão portuguesa do PSAPQ; pais e adultos sem filhos.

### Abstract

The supervision profiles are the result of caregiver decisions about the child's risk behaviors.

These profiles are influenced by several factors and their interaction with other variables must be taken into consideration. This study intends to analyze the supervision styles among adults with children and adults without children and the gender influence since it admits that the parental experience can play an important role in the behavior of supervision. The Portuguese version PSAPQ (Andrade et al., 2013) was applied to a sample from 215 participants with university education to assess parental supervision profiles. The results did not show an interaction effect between caregivers with and without children and the gender of the caregiver. The results show different profiles of supervision according to parental status, suggesting that parents are more protective and vigilant than adults without children, who are more tolerant.

### Keywords

Parental supervision; Portuguese version PSAPQ; parents; adults without child; gender caregiver.

## INTRODUÇÃO

O rápido desenvolvimento dos padrões motores, nas idades pré escolares, exige dos cuidadores uma monitorização efetiva das rotinas infantis para prevenir comportamentos de risco. Nesse sentido, a monitorização da criança num determinado contexto exige a tomada de decisão do cuidador, o que implica a perceção do contexto numa perspetiva de segurança infantil. No âmbito da literatura sobre supervisão, a maioria das pesquisas foca o papel das mães (Garling & Garling, 1993, Morrongiello et al., 2004b, Morrongiello & Hogg, 2004a), outras referem ao papel dos pais (Brussoni & Olsen, 2011, Schwebel & Brezaussek, 2004) mas pouco se conhece sobre a supervisão dos adultos sem filhos.

A necessidade de ajustar as práticas parentais às etapas de desenvolvimento da criança implica práticas de supervisão diferenciadas, independentemente de ter ou não filhos. Pesquisas prévias referem que a qualidade da supervisão nas brincadeiras da criança depende do impacto na criança das estratégias de socialização e das crenças dos cuidadores (Mize et al., 1995). A utilização apenas de estratégias preventivas não é suficiente, mas o aumento das competências dos cuidadores relativamente à habilidade para gerir as pequenas lesões, o aumento de

conhecimento do desenvolvimento da criança e o aumento da crença de que as crianças necessitam de proteção, é essencial (Kendrick, et al., 2008).

A supervisão adequada estabelece o equilíbrio entre a capacidade do cuidador para encorajar a criança para atividades exploratórias e a capacidade para desencorajar comportamentos potencialmente perigosos. A socialização do risco varia consoante o género da criança e pode envolver diferentes formas de interação, nomeadamente a verbal. De facto, as mães mostraram capacidade em recorrer a estratégias de comunicação verbal, adaptando-as à idade e à experiência locomotora da criança, para antecipar o perigo e desencorajar a ação (Karasik et al., 2008). Hagan e Kuebli (2007) mostraram que a monitorização de uma tarefa, no que se refere à percepção do risco, é influenciada pela interação do género do cuidador com o género da criança e vice versa. Neste estudo, os pais revelaram mais precisão na percepção do risco na tarefa do que as mães. Esta diferenciação pode estar associada às oportunidades de brincadeiras mais vigorosas proporcionadas pelos pais que, por outro lado, lhes aumenta a percepção das competências motoras da criança.

Outros estudos indicam que as práticas de socialização variam com os géneros do cuidador e da criança (Morrongiello & Dawber, 1999, 2000). No primeiro estudo (Morrongiello & Dawber, 1999), os resultados sugerem que as práticas dos pais diferem consoante o género das crianças, promovendo mais comportamentos de risco nos rapazes do que nas raparigas e transmitindo a percepção de maior vulnerabilidade entre as raparigas. No segundo estudo (Morrongiello & Dawber, 2000), foram apresentados às mães filmes de crianças em atividades de risco. Os resultados mostraram que as mães que já tinham tido experiências prévias de lesões e crianças com mais comportamentos de risco foram mais tolerantes do que as mães que possuíam crianças com menos comportamentos de risco e com pequenas lesões. As mães que possuíam filhas avisavam mais sobre os perigos, em contrapartida as mães que possuíam filhos incentivavam para comportamentos de risco. Noutro estudo, Fagot e colaboradores (1985) apresentaram aos cuidadores fotografias de crianças pré-escolares, que não eram seus filhos, em atividades de risco. Os resultados não apontaram diferenças de género do cuidador quanto às estimativas do risco de lesão, mas surgiram diferenças na intervenção, mostrando que os pais que tinham apenas um filho responderam mais rapidamente do que os pais de duas crianças e que os pais que tinham apenas uma filha. Os adultos sem filhos apresentaram respostas menos rápidas que os adultos com filhos.

Num estudo anterior Andrade e colaboradores (2013b) verificaram os atributos parentais (género, idade e escolaridade) e familiares (total de crianças a cargo e dimensão do agregado familiar) nos perfis de supervisão (proteção, supervisão, tolerância ao risco e crença no acaso). No mesmo estudo os efeitos do tipo de família, ocupação e residência não se mostraram significativos para qualquer dos perfis de supervisão. No presente estudo o objectivo é verificar o efeito de interação entre ter ou não filhos e o género nos perfis de supervisão parental, realçando o efeito da experiência na supervisão.

## **METODOLOGIA**

### *Participantes*

Participaram no estudo 215 adultos, com idades compreendidas entre 18 e 62 anos de idade (M=32.58; DP=8.14), sendo 134 pais (M=36.63; DP=4.30) e 81 adultos sem filhos (M= 25.88; DP=8.57). A distribuição dos adultos por género foi de 38 (17.7%) homens (M=34.45;DP=6.8) e 177 (79.9%) mulheres (M=32.18; DP=8.3). Todos os participantes possuíam formação universitária e as características sócio demográficas estão resumidas na tabela 1.

Tabela 1: Características demográficas dos participantes

	Pais (n=134)		Adultos sem filhos (n=81)	
	N	%	N	%
<b>Género</b>				
Masculino	27	20.1	11	13.6
Feminino	107	79.9	70	86.4
<b>Idade</b>				
=< 33 anos	40	29.9	70	86.4
=>34 anos ou mais	94	70.1	11	13.6
<b>Ocupação</b>				
Efetivo	121	90.3	25	30.9
Temporário	8	6.0	51	63.0
Desempregado	5	3.7	5	6.2
<b>Residência</b>				
Bairros urbanos	64	47.8	46	56.8
Bairros periféricos	53	39.6	27	33.3
Rural	17	12.7	8	9.9

#### Procedimentos

Foram recolhidos os dados demográficos dos participantes através de entrevistas individuais e aplicou-se a versão portuguesa do *PSAPQ* (Andrade, et al, 2013a) para avaliar os perfis de supervisão nos quatro domínios (proteção, supervisão, tolerância e acaso) nos dois grupos. Para o grupo de pais, o preenchimento do questionário foi relativo a um determinado filho. Para o grupo de adultos sem filhos, o preenchimento do questionário foi relativo a uma hipotética criança com idade compreendida entre 1 a 5 anos. Para avaliar efeitos principais e efeitos de interação entre ter ou não filhos e género recorreu-se a uma análise de variância dupla e para analisar um possível efeito da idade sobre os resultados usou-se uma análise de covariância.

#### RESULTADOS

O efeito da interação entre ter ou não filhos e os perfis de supervisão parental não se mostrou significativo (proteção  $F(1,211)=0.331$ ,  $p=0.566$ , supervisão  $F(1,211)=0.124$ ,  $p=0.725$ , tolerância  $F(1,211)=0.388$ ,  $p=0.534$  e para acaso  $F(1,211)=1.169$ ,  $p=0.281$ ). O fator ter ou não filhos foi estatisticamente significativo para os perfis, proteção  $F(2,211)=4.279$ ,  $p=0.040$ , supervisão  $F(2,211)=5.867$ ,  $p=0.016$  e tolerância  $F(2,211)=4.332$ ,  $p=0.039$ , e não se mostrou significativo para o perfil acaso ( $F(2,211)=0.396$ ,  $p=0.530$ ). O fator género do cuidador não se verificou significativo para qualquer dos perfis de supervisão (proteção  $F(1,211)=0.002$ ,  $p=0.965$ , supervisão  $F(1,211)=1.595$ ,  $p=0.208$ , tolerância  $F(1,211)=0.682$ ,  $p=0.410$  e para acaso  $F(1,211)=0.602$ ,  $p=0.439$ ).

A necessidade em avaliar o efeito da idade, sobre o efeito do “ter ou não filhos” é comprovada pelo resultado da análise de covariância, que mostra que o efeito do fator “ter ou não filhos” se mantém estatisticamente significativo para os perfis proteção  $F(1, 210)=4.822$ ,  $p=0.029$  e supervisão  $F(1,210)=6.400$ ,  $p=0.012$  mas deixa de ser significativo para o perfil tolerância  $F(1, 210)=3.513$ ,  $p=0.062$ ).

#### DISCUSSÃO

Neste estudo pretende-se verificar o efeito de interação entre ter ou não filhos e o género nos perfis de supervisão parental, contribuindo para uma melhor compreensão do efeito das funções parentais na supervisão. A experiência parental é, no entanto, um fator muito referido

no que diz respeito à segurança infantil. Este estudo evidencia a diferenciação dos perfis de supervisão segundo o fator “ter ou não filhos”, sugerindo que os pais são mais protetores e mais supervisores, do que os adultos sem filhos, que são mais tolerantes. Não se verificou interação entre o género e os perfis de supervisão. Apenas um estudo (Fagot, et al, 1985) analisou as práticas de supervisão entre pais e adultos sem filhos tendo concluído que a perceção da vulnerabilidade de risco implicou resposta mais rápida nos pais.

Num estudo anterior Andrade e colaboradores (2013b) verificaram que os perfis de supervisão de pais, foram influenciados por alguns atributos parentais, nomeadamente género e idade. A avaliação desses fatores, género e idade, em conjunto com o fator “ter ou não filhos” mostra que o efeito significativo da experiência parental prevalece sobre os outros fatores conhecidos entre os pais. Estudos anteriores apenas estudaram o efeito de género em pais na diferenciação de perfis de supervisão (Morrongiello & Dawber, 2000; Morrongiello & Hogg, 2004) e nas práticas parentais de socialização (Hagan & Kuebli, 2007). Considerando que um estudo anterior (Andrade et al., 2013b), mostrou um efeito da idade nos perfis de supervisão, neste estudo foi feita uma comparação de perfis de supervisão entre grupos de pais e adultos sem filhos controlando para a idade. Como resultado constatou-se que o efeito de ter ou não filhos prevalecia, ou seja, independentemente da idade, as diferenças de perfis de supervisão são estatisticamente significativas, apenas pelo facto de uns serem pais e outros não.

Morrongiello e Corbett (2006) verificaram que os cuidadores mais tolerantes a comportamentos de risco provavelmente seriam menos supervisores e menos protetores. A maior tolerância dos adultos sem filhos poderá ser explicada pelo facto de terem respondido relativamente a uma criança virtual, imaginada numa situação temporária e num parque infantil. A menor proteção e a menor supervisão de adultos sem filhos pode estar relacionada com alguma incapacidade em reconhecer os riscos e as competências motoras da criança.

## CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou a inexistência de interação entre os fatores ter ou não filhos e género nos perfis de supervisão e verificou que apenas o fator ter ou não filhos se mostrou estatisticamente significativo para os perfis de supervisão. Este fator determina que os pais são mais protetores e mais supervisores do que os adultos sem filhos e mostra que os adultos sem filhos são mais tolerantes que os pais. Saliente-se que a tolerância quando verificada em contextos seguros poderá ter efeitos positivos no desenvolvimento perceptivo motor das crianças a cargo. De facto, estudos efetuados quer em Portugal como noutros contextos culturais apontam a importância em aprender a lidar com o risco no dia a dia, porque capacita a criança para lidar com esse mesmo risco e reduzir a probabilidade de lesões mais sérias.

O presente estudo apresenta algumas limitações. Uma relacionada com o grupo de adultos sem filhos, cujas respostas foram relativas a uma hipotética criança sobre a qual não se registaram características específicas como o género e a idade da criança virtual. Outra limitação prende-se com as idades do grupo de adultos sem filhos, que eram significativamente mais novos do que o grupo de pais. Este efeito foi removido estatisticamente à posteriori. Finalmente, por neste estudo se dispor apenas de participantes com formação universitária não foi possível considerar a escolaridade como potencial fator da supervisão limitando as conclusões a populações com escolaridade mais elevada.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, C., Carita, A.I. Cordovil, R., & Barreiros, J. (2013a). Cross-cultural adaptation and validation of the Portuguese version of the Parental Supervision Attributes Profile Questionnaire (PSAPQ). *Injury Prevention*, doi: 10.1136/injuryprev-2013-040752.
- Andrade, C., Carita, A.I. Cordovil, R., & Barreiros, J. (2013b). *Estrutura Familiar e perfis de supervisão*, In *Supervisão Parental numa perspectiva de segurança*. Tese de doutoramento não publicada. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.

- Brussoni, M., & Olsen, L. (2011). Striking a balance between risk and protection: fathers' attitudes and practices toward child injury prevention. *Journal Developmental Behavioral Pediatric, 32*(7), 491-498.
- Fagot, B.I., Kronsberg, S., & MacGregor, D.G. (1985). Adult responses to young children in risky situations. *Merrill-Palmer Quarterly, 31*(4), 385-396.
- Garling, A., & Garling, T. (1993). Mothers' supervision and perception of young children's risk of unintentional injury in the home. *Journal of Pediatric Psychology, 18*(1), 105-114.
- Hagan, L. K. & Kuebli, J., (2007). Mothers' and fathers' socialization of pre-schoolers' physical risk taking. *Journal of Applied Developmental Psychology 28*(1), 2-14.
- Karasik, L.B., Tamis Le-Monda, C.S., Adolph, K.E., & Dimitropoulou, K.A. (2008). How mothers encourage and discourage infants' motor actions. *Infancy, 13*(4), 366-392.
- Kendrick, D., Barlow, J., Hampshire, A., Stewart-Brown, S.L., & Polnay, L. (2008) Parenting interventions and the prevention of unintentional injuries in childhood: systematic review and meta-analysis. *Child: Care, Health and Development, 34* (5), 682-695.
- Mize, J., Pettit, G.S., & Brown, E.G. (1995). Mothers' supervision of their children's peer play: Relations with beliefs, perceptions, and knowledge. *Developmental Psychology, 31*(2), 311-321.
- Morrongiello, B.A., & Dawber, T. (1999). Parental influences on toddlers' injury-risk behaviors: are sons and daughters socialized differently? *Journal of Applied Developmental Psychology, 20*(2), 227-251.
- Morrongiello, B.A., & Dawber, T. (2000). Mothers' responses to boys and girls engaging in injury risk behaviors on a playground: Implications for sex differences in injury rates. *Journal of Experimental Child Psychology, 76* (2), 89-103.
- Morrongiello, B.A., & Hogg, K. (2004). Mothers' reactions to children misbehaving in ways that can lead to injury: Mothers' feelings, orientation to safety, and attributions for resulting injuries. *Sex Roles, 50*(1-2), 103-118.
- Morrongiello, B.A., Ondejko, L., & Littlejohn, A. (2004). Understanding toddlers' in-home injuries: I. Context, correlates, and determinants. *Journal of Pediatric Psychology, 29*(6), 415-431.
- Morrongiello, B.A., & Corbett, M. (2006). The Parent Supervision Attributes Profile Questionnaire: a measure of supervision relevant to children's risk of unintentional injury. *Injury Prevention 12*(1), 19-23.
- Schwebel, D.C., & Brezausk, C.M. (2004). The role of fathers in toddlers' unintentional injury risk. *Journal of Pediatric Psychology, 29*(1), 19-28.